

## MEMÓRIA DOS FERRAMENTEIROS EM JOINVILLE - SC

### Christiane Heloísa Kalb

Estudante de mestrado do curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da região de Joinville - UNIVILLE. Advogada ativa em Santa Catarina, especialista em direito civil e processo civil. Vice presidente do núcleo de jovens empresários da Associação Empresarial de Joinville - ACIJ. Estuda o Direito e faz parte do projeto da UNIVILLE, sobre patrimônio industrial da cidade de Joinville. christianekalb@hotmail.com

### Mariluci Neis Carelli

Doutora em Engenharia da Produção, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Professora da Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE desde 1989, na qual é docente de Sociologia e Metodologia da Pesquisa na graduação. Na pós-graduação é docente no Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Atua na linha de pesquisa em patrimônio e sustentabilidade, desenvolve estudos na área do patrimônio industrial e ambiental.

### Resumo

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de formação do nosso patrimônio industrial, a partir das memórias dos ferramenteiros de moldes e matrizes de plástico em Joinville. Nesta região existem fábricas que no início do século XIX se estabeleceram na cidade. O patrimônio industrial existente é incorporada em várias formas, principalmente nos compostos de metal-mecânico, plástico e indústria têxtil. Estas indústrias são a figura substancial na formação sócio-cultural-econômica em Joinville como um centro de indústria na região. A primeira ferramentaria, como uma empresa fora do quadro de uma grande indústria, surgiu durante os anos 80 por causa da proibição, pelo governo brasileiro, da importação de máquinas. Esta decisão se refletiu dentro de grandes empresas que excluíram o processo de produção das ferramentarias. Os profissionais demitidos foram encorajados a abrir seus próprios negócios, a terceirização desses serviços ferramental. Este processo aconteceu em grandes empresas como a Embraco (agora conhecido como Whirlpool), Consul, Cipla, Tupy e Tigre. A metodologia de estudo é qualitativo, a técnica de coleta de dados foi de entrevistas em profundidade com seis proprietários da indústria de Joinville, pertencente ao núcleo de ferramentarias, da Associação Empresarial de Joinville - ACIJ. Os proprietários da indústria de ferramentarias são os profissionais que deixaram grandes empresas para definir o seu próprio negócio, que se tornaram referências nacionais. Atualmente Joinville é o segundo pólo industrial de fundição do Brasil. As memórias dos ferramenteiros revelam os limites de uma empresa que requer conhecimento especializado e os avanços, para conseguirem resolver-se em um mercado muito competitivo.

**Palavras-chave:** patrimônio industrial, ferramentarias, memória.

### Abstract

The objective of this research is to understand the formation process of our industrial heritage, from the memories of toolmakers for plastic molds in Joinville. In this region there are factories that in the early nineteenth century settled in the town. The existing industrial heritage is embodied in various forms, mainly composed of the metal-mechanical, plastic and textiles industry.

These industries are the substantial figure in the formation of socio-cultural-economic in Joinville as a industry center in the region. The first tool, as a company outside of the room of a big industry, emerged during the 80's mainly because of the ban, by the Brazilian government, of the importation of machinery. This state decision reflected within large companies that excluded the tooling production process. The laid-off professionals were encouraged to open their own businesses, outsourcing these tooling services. This process happened in large companies such as Embraco (now known as Whirlpool), Consul, Cipla, Tupy and Tigre. The studying methodology is qualitative, the technique of data collection was in deep interviews with six industry owners of Joinville, belonging to the tools Center, of the Joinville Business Association - ACIJ. The tooling industry owners are professionals that left large companies to set up their own business, which became national references. Nowadays Joinville is the second pole of foundry of Brazil. Memories of toolmakers reveal the limits of a company that requires specialized knowledge and the advances, both achieved to settle themselves in a competitive market.

**Keywords:** industrial heritage, tooling, memories.

## Patrimônio cultural industrial

O entendimento de que determinadas áreas industriais possuem valor histórico, artístico/estético e principalmente cultural para determinada sociedade e por óbvio, para o mundo hoje globalizado, pressupõe análises mais apuradas da integralidade destas áreas, enquanto símbolo de uma localidade, bem como a sua interação social, seu entorno, suas memórias, que neste instante torna-se cogente de maiores explicações.

Este processo de alargamento de entendimento do que se faz cogente proteger e conseqüentemente, quando necessário restaurar, Choay<sup>1</sup> considera que o patrimônio cultural, especificamente o industrial passou a considerar não apenas as grandes obras isoladas de qualidade excepcional, mas centros urbanos ou rurais inteiros dando-se maior importância ao tecido urbano e à “arquitetura vernacular”, passando a abranger também construções recentes, como aquelas incluídas ao patrimônio industrial. Assim:

A cultura do trabalho, os padrões éticos de sobrevivência, a consciência dos quadros de produção e da sua inserção no mercado, a apreensão dos modelos tecnológicos dominantes, as formas de mobilização das pessoas e dos espaços, eis alguns pólos para esse diálogo, que se podem traduzir tanto em intervenções letivas breves e monodisciplinares, como em projetos de escola mais abrangentes de natureza inter e transdisciplinar<sup>2</sup>.

A memória do patrimônio industrial, por sua vez é considerada um bem intangível, na qual abarca tudo que se refere ao saber fabricar, desde a constituição da fábrica até o seu produto final, ou seja, considera o engenho humano uma habilidade a ser preservada na memória coletiva, mesmo que de forma apenas a ser registrada e não mantida, em razão da notória tecnologia hoje desenvolvida e aplicada às indústrias e invenções, contudo, poucas são as referências científicas que tratam do assunto.

---

<sup>1</sup> Françoise Choay. *Alegoria do patrimônio* São Paulo: Estação liberdade UNESP, 2001, p. 11.

<sup>2</sup> Jorge Fernandes Alves. *Patrimônio industrial, educação e investigação: a propósito da rota do patrimônio industrial do Vale do Ave*. Porto/Portugal: Revista da Faculdade de Letras/História, v. 5, s. 3, p. 251-256, 2004, p. 252.

Aos poucos, o conceito e entendimento de patrimônio industrial e de certa forma o reconhecimento da arqueologia industrial como disciplina a ser estudada vem sendo incorporadas às noções de valorização dentro do conceito amplo e genérico de patrimônio histórico e, assim, “estes passaram a ser considerados um bem cultural que devia ter reconhecimento jurídico, uma estrutura administrativa e uma política nacional e regional de proteção”<sup>3</sup>.

O valor histórico-cultural dos estudos destes sítios (locais de fábricas ou indústrias) é representado pela sua importância na esfera mundial, em razão de suas consequências históricas e sociais nos registros do cotidiano de muitos operários e operárias, bem como dos empresários que detinham um mesmo sentimento, além é claro de ser parte integrante da identidade do povo e da herança cultural. Assim, “as investigações históricas e sociológicas no campo possuem, porém, longa genealogia, através de estudos de diversos autores sobre história das ciências, da técnica, econômica e social, voltados aos processos de industrialização, produção de energia e meios de transporte”<sup>4</sup>.

Vale lembrar ainda que “a restauração de bens culturais, [...] é um campo disciplinar que começa a adquirir autonomia há pelo menos um século, com dois séculos de experiências práticas e formulações teóricas sistemáticas já acumuladas”<sup>5</sup>, desta forma “não se trata de conservar tudo, nem, tampouco, de demolir ou transformar radicalmente tudo, [...] é necessário fazer escolhas conscientes, baseadas em conhecimento aprofundado, para que os bens mais significativos possam ser preservados e valorizados”<sup>6</sup>, assim Sousa<sup>7</sup> coaduna com a entendimento de Kuhl quando discorre que:

é necessário reconhecer que exemplares de todas as épocas e as várias fases de produção humana são merecedores de

---

<sup>3</sup> J. M. Santacreu Soler. *Uma vision global de la arqueologia industrial em Europa*. Casos concretos em regiones de prédios industriais e equipamentos técnicos antigos. Rio Claro: ARGEO, 1992, p. 15 apud Gabriela Campagnol, *Usinas de açúcar: habitação e patrimônio industrial* 531 f. tese Doutorado em arquitetura e urbanismo. São Carlos/SP: FAUUSP, 2008, p. 414.

<sup>4</sup> Beatriz Mugayar Kuhl. *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação*. São Paulo: Revista eletrônica do Iphan, 2006, p.1.

<sup>5</sup> idem, pp. 2-3.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 3.

<sup>7</sup> Wayne Almeida de Souza. *Arquitetura industrial no bairro da Mooca: análise e diretrizes de intervenção na Alparagatas* tese Mestrado em arquitetura e urbanismo, São Paulo: FAUUSP – Universidade de São Paulo, 2010, p. 143.

estudos. Isso não quer dizer que devemos preservar todo e qualquer testemunho do passado, por isso a importância desses estudos e análises, para que se possa reconhecer e selecionar os exemplares dignos de serem preservados por seus valores históricos, estéticos, afetivos ou memoriais.

### **Ressoar de fatos históricos no Brasil e Joinville**

As guerras e a crise de 1929 nos EUA modificaram sensivelmente o setor industrial, em razão da “necessidade de substituir as importações para atender à crescente demanda interna por bens de consumo final”<sup>8</sup>. A Revolução de 1930 colocou no poder “o latifúndio ligado ao mercado interno, a indústria brasileira e os bancos americanos”<sup>9</sup>.

A partir das décadas de 30 e 40 várias empresas surgiram na região da cidade de Joinville, como foi o caso da Meister Metalgráfica e Fundição Tupy, bem como White Martins, Buschele & Lepper e Consul. Aos poucos “a concentração industrial transformaria Joinville na maior cidade do Estado, pois a necessidade de mão de obra promoveu um fluxo migratório significativo de trabalhadores que se deslocaram de outras cidades catarinenses e de estados vizinhos”<sup>10</sup>. A companhia Tupy, por exemplo, “produzia muitos componentes metálicos antes de sua mudança tecnológica para o uso de material termoplástico com a marca ‘Tigre’ [de forma que] a companhia criou residências destinadas a parte de seus empregados”<sup>11</sup>.

A partir de 1938<sup>12</sup>, o então Presidente Getúlio Vargas, iniciou uma campanha chamada nacionalista, que teve como consequência a perseguição aos alemães e italianos em todo o sul do país (incluindo Joinville) por suspeitas destas pessoas estarem envolvidas com o nazi-fascismo. Desta forma, “com a entrada do Brasil na II Guerra,

---

<sup>8</sup> FIESC 50 anos. *Uma história voltada para a industrialização catarinense*. Florianópolis: Expressão, 2000, p. 36.

<sup>9</sup> Armen Mamigonian, 1988, p. 37 apud Isa de Oliveira Rocha. *Industrialização de Joinville-SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: [s.n], 1997, p. 47.

<sup>10</sup> Carlos Ficker. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca*. 2 ed. Joinville: Letra d'água, 2008, p. 96.

<sup>11</sup> Telma de Barros Correia, Philip Gunn. *A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais*. São Paulo: USP, [20??], p. 32.

<sup>12</sup> FIESC 50 anos. op. cit. p. 40.

Vargas nomeou Nereu Ramos como interventor em Santa Catarina, dando início a uma verdadeira caça às bruxas contra os imigrantes de origem alemã e italiana”<sup>13</sup>.

No final da Segunda Guerra, Joinville e as outras cidades próximas entraram numa nova fase da industrialização, com bases sólidas e diversificadas através das novas empresas estabelecidas na região, prontas para enfrentar o mercado externo. “A guerra desencadeou o crescimento das indústrias pela substituição forçada de importações e pelas oportunidades de vendas ao mercado externo, principalmente à América Latina”<sup>14</sup>. De modo que de acordo com Ternes<sup>15</sup>, com o “boom econômico, fortemente ajudado pelo espírito familiar e a conhecida disciplina alemã, explicam a nova geografia e o novo urbanismo da cidade, a partir da década de 50”.

No período do pós-Guerra<sup>16</sup>, finalmente o governo brasileiro liberou as importações das máquinas, porém proibiu a associação de empresas brasileiras com estrangeiras, criando problemas sérios de transferência de tecnologia de fora para dentro. Assim, “ocorria intensa substituição de importações, principalmente nas indústrias de bens intermediários e nas indústrias de bens de consumo durável [...]”<sup>17</sup>, como forma de burlar a proibição estatal, vez que os empresários brasileiros aprendiam com a vinda das máquinas importadas com estas novas tecnologias, sem precisar se associar com as fabricantes estrangeiras.

As escolas/universidades da região vieram suprir a falta de qualificação dos trabalhadores da cidade, bem como os que vinham para a cidade se especializar e depois de formados, buscavam melhores colocações nas cidades vizinhas ou nos grandes centros. A qualificação escolar que aqui se exigia nunca foi exigida dos artesãos, do trabalhador rural, quicá do escravo, por isso a grande importância da educação na cidade e no país como um todo. Era uma necessidade precípua para o crescimento nacional.

Já nos anos 80, conforme bem explica Rocha<sup>18</sup>, as indústrias de Joinville já bastante amadurecidas investiram fortemente na fundação de novas unidades fabris, em outros Estados brasileiros, de suporte para a principal atividade ou mesmo em outros setores,

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Isa de Oliveira Rocha, op cit. p. 54.

<sup>15</sup> Apolinário Ternes. *Joinville, a construção da cidade*. Joinville: Seigraph-Bartira, 1993, p. 158.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 60.

<sup>17</sup> Isa de Oliveira Rocha, op cit. p. 54.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 59

formando grupos empresarias e as holding's, como foi o exemplo das empresas Tupy, Embraco (Whirlpool S/A), dentre outras. Porém neste mesmo período “a cidade registrou a maior população em relação às demais cidades de Santa Catarina” gerando assim, “uma série de problemas de infraestrutura” obrigando o poder estatal a tomar medidas para “inibir a migração”<sup>19</sup>.

Ternes complementa que nas décadas de 70 e 80 Joinville “sofre de uma singular perda de identidade, desfigurando-se de suas características históricas. Trata-se, então, do ápice de um processo de desintegração cultural que se iniciara há 30 anos, a partir da acelerada industrialização e da urbanização descontrolada”<sup>20</sup>. Além disso, conforme conclusão de Ilanil Coelho<sup>21</sup> em sua obra “Pelas tramas de uma cidade migrante”, a cidade “passa a revelar de maneira mais intensa os desdobramentos das suas transformações econômicas, sociais e culturais”, de modo que a indústria começa a se reestruturar, em razão do “emprego industrial” e das novas tecnologias voltadas para a urbanidade – serviços sociais, bem como para os processos industriais.

A partir da década de 90, “esse domínio da falta de quase tudo foi quebrado [...] quando as empresas, tendo de reduzir custos, terceirizando serviços, notadamente os de mão de obra intensiva. Novas e pequenas empresas foram criadas, as recreativas passaram também a ser administradas por terceiros”<sup>22</sup>. Existem em atividade, ainda hoje, algumas das fábricas que a partir do início do século XX se instalaram em Joinville, que constituíram o centro da cidade, na qual circundam o rio Cachoeira, rio que corta toda a cidade e que era o meio de transporte das mercadorias aqui feitas / beneficiadas para o porto mais próximo, na cidade de São Francisco do Sul.

Realmente, durante o período de colonização até meados do século XX, muitos trabalhadores deslocaram-se do interior do Estado de Santa Catarina e do Paraná para a cidade de Joinville a procura de melhores salários e, conseqüentemente, uma melhor condição de vida.

De todo modo, com o passar das décadas e com a evolução da indústria e tecnologia, Joinville tornou-se uma cidade predominantemente industrial e, por conseguinte, possui um patrimônio industrial considerável a realização de estudos, além de ser

---

<sup>19</sup> Ilanil Coelho. *Pelas tramas de uma cidade migrante*. Joinville: Editora da Univille, 2011, p. 59.

<sup>20</sup> Apolinário Ternes, op. cit., p. 188.

<sup>21</sup> Ilanil Coelho, op. cit., p. 30.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 61.

conhecida nacionalmente e até mesmo internacionalmente, atualmente pelo seu grande porte industrial, considerada o 2º pólo brasileiro de fundição<sup>23</sup>.

As grandes empresas que nesta cidade iniciaram seus processos de produção aos poucos foram se especializando, principalmente a partir da década de 1990, e deixando de criar máquinas juntamente com seus produtos comercializáveis, já que o processo produtivo foi se subdividindo dentro de outras empresas, como é o caso das ferramentarias, fundições, que aos poucos, através do processo de *downsize* foi se deslocando das grandes empresas para as empresas especializadas em moldes e matrizes.

Ilanil Coelho<sup>24</sup> explica esta situação, pois “nos anos 90, as empresas joinvilenses, de internacionalizadas, passaram a se tornar cada vez mais globalizadas, pois além de buscarem novas oportunidades de negócios em escala global também descentralizaram a produção”, aproveitando a alta tecnologia e mão de obra disponível no local, de modo que “à medida que as indústrias locais se globalizam, cai o potencial de geração de novos empregos industriais e ondas demissionárias tornam-se frequentes”. Foi o que ocorreu com grande parte das empresas acima mencionadas, bem como outras diversas de significativa importância para a cidade.

### **Memórias dos ferramenteiros....**

O processo de colonização germânico na cidade de Joinville foi uma das grandes causas da formação do aglomerado eletro-metal-mecânico, composto por inúmeras pequenas atividades mercantis e manufatureiras, bem como de polímeros, vez que ambas se entrelaçam durante os processos de produção industriais.

Estudar, pois o Imaginário Social de uma determinada sociedade é “dialogar com seu mistério, com suas crenças mais profundas”<sup>25</sup>, vez que é o local onde se “escondem”

---

<sup>23</sup> O PRIMEIRO portal do setor metal mecânico. Disponível em: <[www.cimm.com.br](http://www.cimm.com.br)> Acesso em: abr 2011. *web*.

<sup>24</sup> Ilanil Coelho, op. cit., p. 70.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 67.

as representações sociais daquele povo. Afinal, Candau<sup>26</sup> conclui que não há uma procura de identidade sem memória e da mesma forma uma busca pela memória sempre vem anexa a um sentimento de identidade, ao menos de cada indivíduo. Entendimento este totalmente relacionado com as memórias advindas dos ferramenteiros de Joinville:

Assim, como já mencionado “deve-se ressaltar que a especialização metal-mecânica da indústria local foi fortemente influenciada pelo pioneirismo de Otto Bennack, cuja oficina voltada à produção de tornos, foi fundada em 1893”<sup>27</sup>, na cidade de Joinville<sup>28</sup>.

A oficina mecânica de Bennack foi, certamente, modelo para outras diversas que iniciaram seus próprios negócios com capital não-ervateiro, vez que era o negócio mais vantajoso na época, “apesar de Joinville situar-se distante do centro econômico nacional, a diversificação e ampliação da estrutura produtiva local indicam certo dinamismo, sobretudo, dos segmentos da eletrometal-mecânica, em acompanhar o processo de industrialização brasileira”<sup>29</sup>.

Portanto, de acordo com as memórias inseridas no vídeo intitulado: Registro do desenvolvimento das ferramentarias de Joinville<sup>30</sup>: Os primeiros funcionários e também os próprios fundadores destas ferramentarias eram profissionais muito criativos e ajudaram na implantação e desenvolvimento das empresas. A criatividade destes técnicos especialistas na fabricação de moldes surgiu da necessidade em inovar, transformando literalmente ideias em projetos de papel. Ato este bastante preciso, delicado, do ponto de vista do engenho da criação, bem como original, vez que cada molde corresponde a uma peça que será produzida futuramente, molde este vindo do intelecto humano.

O surgimento dessas ferramentarias, além de outras tantas da região, decorreu da proibição da importação de máquinas vindas do estrangeiro, obrigando diversas

---

<sup>26</sup> Joël Candau. *Memória e identidade*. trad Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011, p. 19.

<sup>27</sup> Muhamad Bakkar. *A indústria eletrometal-mecânica da região de Joinville: do aglomerado industrial ao arranjo produtivo local*. 105 f. tese Mestrado em economia. Curitiba: UFPR – Universidade Federal do Paraná, 2009, pp. 36-37.

<sup>28</sup> A partir daqui apresenta-se seleção dos depoimentos dos profissionais que atuam ou atuaram na área das ferramentarias, depoimentos que são intercalados por suas respectivas análises, vez que representam a memória dos ferramenteiros da cidade.

<sup>29</sup> Muhamad Bakkar, op. cit. pp. 36-37.

<sup>30</sup> Carlos M. Sacchelli. *Registro do desenvolvimento das ferramentarias de Joinville*. Entrevistas Transcritas. Joinville: ed. Eugênio Siqueira, 2009.



grandes empresas a demitir seus trabalhadores, todavia os estimulando a abrir seus próprios negócios, terceirizando os serviços de ferramentarias que anteriormente era desenvolvido dentro da própria empresa. Exemplo disso ocorreu nas empresas Embraco e Consul (hoje denominadas Whirlpool S/A), Cipla, Tupy e Tigre, empresas de grande porte e reconhecidas nacionalmente.

Um dos entrevistados relata que a cidade de Joinville sempre foi considerada por possuir um pólo industrial muito forte, coadunando com o que foi dito. E que em sua maioria os ferramenteiros não eram moradores da cidade, porém sabendo da grande produtividade e empregos que aqui se dispunham, resolveram mudar-se para a maior cidade do Estado de Santa Catarina (em população), em busca de melhores condições de vida e conseqüentemente, uma melhor posição profissional.

O setor metal-mecânico é parte integrante das ferramentarias. Assim, os depoimentos a seguir transcritos revelam que o processo de *downsize*, dentro das grandes empresas foi o grande causador do surgimento da maior parte das novas ferramentarias até então inexistentes. Processo que, conforme o depoente relembra fez com que a Embraco eliminasse pessoal, a Hansen Máquinas fechou cem por cento, eram trezentos a quatrocentos funcionários, ela acabou fechando de uma hora para a outra. A Cipla acabou diminuindo a ferramentaria, também a Embraco acabou diminuindo, bem como a Multibrás. Enfim, [...] a Tupy acabou com a ferramentaria. Ou seja, essa explosão (processo de *downsize*) de fechar com as ferramentarias, acabou sobrando muita mão de obra, e não tinha tantas empresas, nem tantos empregos.

O depoente demonstra através de suas memórias que ao mesmo tempo que o processo de *downsize* foi decisivo para o início das “novas” ferramentarias, foi um grande gerador de desemprego para a região.

A partir deste novo *boom* industrial na cidade de Joinville, que surgiram estas diversas empresas de ferramentarias, ainda que pequenas. Este é o grande motivo de hoje a cidade ter um grande destaque no setor, sendo referência nacional no pólo de fundição. Ainda outro depoente, neste mesmo sentido afirma que muita gente que se aposentou junto a Tigre, chegou a comprar torno, financiado e trabalhava, não mais para a Tigre, mas para outras empresas.

Realmente, a união destes profissionais das ferramentarias (amigos e/ou parentes), fez as primeiras empresas se formarem gradativamente, porém nesta época (década

de 1990), o governo não permitia importação de máquinas estrangeiras, assim, os novos empreendedores, compravam a licença dos fabricantes europeus, que traziam as plantas das máquinas e de acordo com outro entrevistado: “aqui era então feito, totalmente nacional [...], mais tarde inclusive havia o setor de fundição de peças metálicas da Tigre, onde era fundido, e torneado conexões de ferro fundido para tubos de PVC.”.

Além das empresas, por meio desta união, surgiu também o Núcleo de Usinagem e Ferramentaria da ACIJ – Associação Empresarial de Joinville, núcleo mais antigo da associação, que obteve este modelo estrutural do sistema da Baviera, na Alemanha. O Núcleo iniciou, de acordo com depoimento de um ferramenteiro, em 1992, com a ideia do Prof. Max, e sua própria colaboração, porque havia um sistema da Câmara da Auto Baviera, da Alemanha, que possuía uma parceria de treinamentos, assegurando a formação do profissional ferramenteiro, conforme comentado.

Percebe-se que realmente a profissão de ferramenteiro sempre possuiu certas virtudes peculiares, como a criatividade, inovação e organização. A criatividade vê-se pela capacidade de invenção e imaginação de moldes, produtos, enfim, meios de se criar algo a partir da arte dos desenhos. A inovação está completamente unida à criatividade, porém esta capacidade é complementar a ela, vez que inovando, tem-se as constantes transformações tanto de produtos finais, como também a forma de produção destes produtos. E ainda a organização, como bem citado anteriormente, os ferramenteiros são muito organizados, a tal ponto de criar um núcleo setorial, dentro da Associação Empresarial da cidade, que trate das dificuldades e conquistas de um setor extremamente concorrente.

O aprimoramento técnico das empresas inicialmente era feito pela busca de mão de obra especializada no exterior, muitas das vezes, na Alemanha, país que trouxe vários colonizadores para Joinville. Contudo, não só europeus qualificados eram trazidos para a cidade, mais também os proprietários das indústrias e seus filhos (as) eram para lá enviados, para aprender o modo de fabricar, inventar, inovar nos cursos e estágios nas empresas européias, principalmente alemãs.

Outro ferramenteiro ainda relembra que algumas ferramentarias não fabricavam moldes, mas peças técnicas, que serviam para a fabricação de outras máquinas e que grande parte das ferramentarias que iniciaram as suas atividades na cidade, realmente começou com a união de dois ou mais amigos ferramenteiros, às vezes, parentes.

Todas estas memórias dos ferramenteiros de Joinville nos fazem acreditar que apesar da crise econômica que ocorreu durante as décadas de 1980 e 1990, as empresas desses setores / destes empresários e ex-funcionários, conseguiram se manter em bom funcionamento, seguindo algumas regras estruturais. De modo que “não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação”<sup>31</sup>.

Outro entrevistado assegura que Joinville hoje é o maior pólo de ferramentarias do Brasil, pois considera que o setor de ferramentaria é vital para a economia da cidade, primeiro por ser um segmento que produz ferramentas para os produtos que serão lançados. Então as inovações de produtos que estão no mercado passam de uma forma ou de outra pelas ferramentarias da cidade, seja no lançamento de um veículo novo, de um eletrodoméstico ou algum produto na área de construção civil, pois basicamente toda a estrutura necessária para o lançamento de um produto passa por ferramentarias de Joinville.

Apesar de estar vinculado a um mercado bastante diversificado, tanto regional, como nacional, esse pólo industrial tornou-se bastante conhecido pela sua excelência no atendimento aos moldes da construção civil, linha branca e autopeças, possuindo a chancela de ser considerado o 2º maior pólo industrial brasileiro, no que se concernem às fundições. Pesquisa científica que está totalmente alinhada com as memórias dos ferramenteiros.

Percebe-se que o patrimônio industrial voltado às ferramentarias na cidade já se tornou há muito o patrimônio cultural deste lugar. Vez que o que constitui patrimônio para Claudia Carvalho<sup>32</sup>, esta noção envolve, em primeiro lugar, um conjunto de posses que cumpre identificar como transmissíveis, como ocorre na questão da cultura industrial da cidade, uma vez que muitos jovens tem como sonho de trabalho, seguir seus pais, na qual sempre trabalharam na seara fabril, fundindo e torneando peças, criando moldes e matrizes. Em seguida, um grupo humano, uma sociedade, capaz ou suscetível de reconhecê-las como suas, de demonstrar a sua coerência e de organizar a sua recepção, como também ocorre em Joinville, cidade conhecida até mesmo internacionalmente por ser um pólo industrial de fundição. Se o mundo reconhece Joinville por este patrimônio industrial, imagina então o povo, que convive

---

<sup>31</sup> Joël Candau, op. cit., p. 48.

<sup>32</sup> Claudia S. Rodrigues Carvalho, et al. *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008, p.36.

cotidianamente neste setor, neste estilo de vida de trabalho e criatividade. Por fim, mais não menos importante, que possua um conjunto de valores, políticos no sentido mais geral do termo, que permite articular os legados do passado à espera ou à configuração de um futuro, como o objetivo de promover algumas mutações e, ao mesmo tempo, afirmar uma continuidade. Fato que ocorre todos os dias na cidade, contudo não só nos bairros onde estão as fábricas, mais isso se sente no centro, onde a pulsação industrial borbulha, ferve de sentimentos pelo trabalho e por buscar uma vida melhor e mais confortável para a família e para o indivíduo em si.

A cultura industrial de Joinville, ou seja, este patrimônio imaterial é algo que não mudará tão cedo, pois este olhar de cidade trabalhadora e preocupada com seu futuro passa de geração para geração. A perda desta “memória é, portanto, uma perda de identidade”<sup>33</sup> da cidade, o que não ocorrerá tão cedo.

#### Considerações Finais:

As observações e análises aqui demonstradas estão longe de encerrar por completo. O estudo do patrimônio industrial, ainda mais no que se refere ao patrimônio joinvillense possui diversas problemáticas que dificultam um diagnóstico mais preciso e completo, vez que não só as edificações e os vestígios materiais são alvos da falta de preservação e conservação por parte das autoridades competentes e da própria sociedade, mais também os vestígios imateriais tem se perdido com o passar do tempo, pela ausência de pesquisas na área e de registros propriamente ditos.

As formulações teóricas que se iniciaram desde a década de 50, na Inglaterra não se verificam concretamente no campo prático, pelo menos no que se refere ao viés brasileiro, o que dificultava ainda mais os meios de proteção destes bens culturais de origem industrial, que muitas vezes se transformam em gigantes “elefantes brancos” sem uma utilização adequada, ou ainda sendo utilizados sem critérios, e sem a verificação de sua referência histórico-social.

---

<sup>33</sup> Joël Candau, op. cit., p. 59.

No entanto, como se bem sabe, ameaças ao patrimônio existem todos os dias, principalmente com o crescimento das cidades e a pressão especulatória imobiliária, de modo que não há mais valores reconhecidos e há constantes investidas deformadoras e desinformadas, que chegam a destruir os bens imóveis de valor cultural-industrial. Isso vem ocorrendo tanto nas obras grandiosas de valor artístico, como por outro lado, em obras de interesse histórico ou de valor histórico.

Devemos nos aprofundar nos debates sobre esta temática, justificando as decisões de suas utilizações e promover cada dia mais questionamentos destas atitudes frente a determinado bem, lembrando sempre das dificuldades e especificidades que o patrimônio industrial detém em relação aos bens culturais de uma forma geral.

#### **Referências bibliográficas:**

Apolinário Ternes. *Joinville, a construção da cidade*. Joinville: Seigraph-Bartira, 1993

Armen Mamigonian, 1988, p. 37 apud Isa de Oliveira Rocha. *Industrialização de Joinville-SC: da gênese às exportações*. Florianópolis: [s.n], 1997

Beatriz Mugayar Kuhl. *Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação*. São Paulo: Revista eletrônica do Iphan, 2006

Carlos Ficker. *História de Joinville: subsídios para a crônica da colônia Dona Francisca*. 2 ed. Joinville: Letra d'água, 2008

Carlos M. Sacchelli. *Registro do desenvolvimento das ferramentarias de Joinville*. Entrevistas Transcritas. Joinville: ed. Eugênio Siqueira, 2009.

Claudia S. Rodrigues Carvalho, et al. *Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008

FIESC 50 anos. *Uma história voltada para a industrialização catarinense*. Florianópolis: Expressão, 2000

Françoise Choay. *Alegoria do patrimônio* São Paulo: Estação liberdade UNESP, 2001

Gabriela Campagnol, *Usinas de açúcar: habitação e patrimônio industrial* 531 f. tese Doutorado em arquitetura e urbanismo. São Carlos/SP: FAUUSP, 2008

Ilanil Coelho. *Pelas tramas de uma cidade migrante*. Joinville: Editora da Univille, 2011

Joël Candau. *Memória e identidade*. trad Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011

Jorge Fernandes Alves. *Patrimônio industrial, educação e investigação: a propósito da rota do patrimônio industrial do Vale do Ave*. Porto/Portugal: Revista da Faculdade de Letras/História , v. 5, s. 3, p. 251-256, 2004

Muhamad Bakkar. *A indústria eletrometal-mecânica da região de Joinville: do aglomerado industrial ao arranjo produtivo local*. 105 f. tese Mestrado em economia. Curitiba: UFPR – Universidade Federal do Paraná, 2009

O PRIMEIRO portal do setor metal mecânico. Disponível em: <[www.cimm.com.br](http://www.cimm.com.br)>  
Acesso em: abr 2011. *web*.

Telma de Barros Correia, Philip Gunn. *A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais*. São Paulo: USP, [20??]

Wayne Almeida de Souza. *Arquitetura industrial no bairro da Mooca: análise e diretrizes de intervenção na Alpargatas* tese Mestrado em arquitetura e urbanismo, São Paulo: FAUUSP – Universidade de São Paulo, 2010